

A pesquisa em movimento e a circulação de futebolistas mulheres entre Brasil e Portugal

Caroline Soares de Almeida⁵⁹

Ao completar três anos da minha banca de doutorado, depois de refletir com o distanciamento do tempo, abordo neste texto alguns pontos relativos à metodologia empregada na tese. Talvez seja pouco tempo — ou demasiadamente pretensioso da minha parte — para falar em revisitação. O movimento de releitura veio de dois convites. O primeiro da professora Carmen Rial, minha orientadora desde o mestrado, para escrever um capítulo que abordasse metodologicamente meu trabalho de campo com futebolistas brasileiras em Portugal — o que aconteceu entre março e julho de 2017.⁶⁰ O segundo, de Cristhian Cajé, que coordenou uma mesa intitulada *Trabajo de campo y cuestiones de género* no Seminário Internacional Fazendo Gênero 12 e me chamou para compor o debate. Assim como eu, Cristhian também é pesquisador do Núcleo de Antropologia Audiovisual e Estudos da Imagem (NAVI/UFSC).

O universo futebolístico não é novidade entre pesquisadoras/es do NAVI. Muitos colegas se lançaram ao trabalho de campo em diferentes clubes brasileiros e estrangeiros. Fernando Bitencourt (2009), por exemplo,

⁵⁹ Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente é pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco (Bolsista PDCTR CNPq/FACEPE).

⁶⁰ Estive em Portugal durante quatro meses, como bolsista CAPES/PDSE no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Durante o deslocamento, recebi orientação da Dra. Cristiana Bastos. A conclusão do doutorado em Antropologia Social (PPGAS/UFSC) ocorreu em 2018.

permaneceu semanas em uma arquibancada do Centro de Treinamento do Atlético Paranaense até ser notado por jogadores e equipe técnica. A curiosidade sobre aquele que acompanhava atento os treinos, mas não fazia parte da imprensa, ajudou a diminuir o distanciamento entre antropólogo e interlocutores. A entrada em campo de Luciano Jahnecka (2018) junto a jogadores que atuavam no que chamou em sua tese de “futebol menor”, também conhecido em alguns espaços por amador, foi mais “ativa”. Jahnecka aproveitou a experiência futebolística adquirida no curso de Educação Física e no trabalho em escolinhas para realizar seu campo entre futebolistas brasileiros nos Países Baixos. Essa relação metodológica usando o corpo como instrumento de pesquisa, em consonância à de Lõic Wacquant (2002), também foi parcialmente vivida por Mariane Pisani (2018) durante sua pesquisa de doutorado realizada em uma equipe de futebol praticado por mulheres em Guaianases, Zona Leste de São Paulo. A antropóloga alterna a sua observação participante, ora fora do gramado, fotografando os treinos e jogos, ora dentro das quatro linhas, treinando com as jogadoras. Ainda no mestrado, Pisani (2012) acompanhou o Foz Cataratas Futebol Clube, na época campeão da Copa do Brasil. Nesse trabalho, por exigência dos dirigentes, a pesquisadora precisou submeter o projeto ao Comitê de Ética da Universidade Federal de Santa Catarina, situação nem sempre usual em pesquisas etnográficas no país.⁶¹

Carmen Rial, coordenadora do NAVI e orientadora do grupo, buscou nos romances de Agatha Christie a personagem para as idas ao campo com

⁶¹ O Comitê de Ética nas Ciências Humanas da Associação Brasileira de Antropologia entende que a pesquisa etnográfica compreende um tipo de pesquisa que é realizada com seres humanos — não em seres humanos. Isso implica na compreensão de “que as pessoas abarcadas pelos estudos são verdadeiros interlocutores, estabelecendo uma relação ativa com o pesquisador” (Soraya Fleischer; Patrice Schuch, 2010, p. 14).

futebolistas brasileiros na Europa, estrelas de clubes globais⁶² (Rial, 2008). Assim, Miss Marple⁶³ foi recriada na versão de Carmen para a observação participante, tão comum ao *métier* antropológico. A simpática personagem permitia a aproximação entre antropóloga e jogadores sem denotar o usual assédio de mulheres e de fãs. A construção dessa intersubjetividade circunstancial, no sentido atribuído a Hélio Silva (2009), durante a relação etnográfica permitiu uma profunda reflexão sobre o sistema futebolístico, no qual as grandes estrelas circulam.

Conforme nos adverte Mariza Peirano (2014, p. 5), “os métodos (etnográficos) podem e serão sempre novos, mas sua natureza, derivada de quem e do que se deseja examinar, é antiga. Somos todos inventores, inovadores. A antropologia é resultado de uma permanente recombinação intelectual”. Assim, sem grandes pretensões de descobrir uma nova metodologia que pudesse revolucionar a tradicional observação participante malinowskiana, criei meus próprios métodos para entrar nos diferentes campos — e para me relacionar com os diversos atores sociais — constituintes da minha pesquisa de doutorado. Falo no plural porque foram diferentes ambientes. Algo que remete ao *multi-sited* de George Marcus (1995), já bastante difundido nos estudos em Globalização Cultural.

⁶² Carmen Rial (2008) introduz o termo em analogia ao conceito de Saskia Sassen de “cidades globais”. Assim, os “clubes globais” estariam associados às cidades globais pertencentes ao sistema futebolístico vigente: “Diria que as cidades globais no sistema futebolístico de hoje, as que abrigariam os clubes globais são Madri, Londres, Milão e Barcelona; e que cidades de pouco destaque político-econômico, como Sevilha, Eindhoven e Munique, apresentam uma importância muito maior no sistema futebolístico do que Nova York, Paris, Berlim ou Los Angeles. Como as cidades globais, as cidades globais futebolísticas são nódulos de fluxos que atravessam as fronteiras de Estados-nações, e não mais unidades territoriais localizadas no interior” (Rial, 2008, p. 30).

⁶³ Miss Jane Marple é uma personagem criada pela escritora Agatha Christie em 1930 para o romance policial *Assassinato na casa do pastor*. À primeira vista, Miss Marple é uma anciã comum. Solteira, é descrita frequentemente tricotando e cuidando do jardim. No entanto, essa senhora acompanha doze romances da escritora, auxiliando na solução de casos devido a seu profundo conhecimento das lógicas que permeiam as cenas criminosas, adquirido por meio da atenta observação do ambiente em que o crime foi cometido.

Diante de todas as problemáticas apresentadas e das leituras realizadas, minha pergunta de tese procurou identificar de que forma estavam configuradas as carreiras de futebolistas brasileiras. Para encontrar a resposta, frequentei diferentes espaços transitados por pessoas que têm suas carreiras associadas ao Futebol Feminino⁶⁴. Assim, minha interlocução no campo envolveu jornalistas, agentes de carreira, dirigentes, corpo técnico, profissionais da saúde e, obviamente, as futebolistas. Ao mesmo tempo, levei para esse campo o pacote teórico lido, relido e discutido durante os anos passados nos bancos universitários — além das experiências de minhas/meus colegas navistas.

Entre Campos:⁶⁵ de Araraquara a Lisboa

Como já mencionado, minha pesquisa pretendia buscar um panorama sobre a carreira de futebolistas brasileiras. Assim como o observado entre os homens, as profissionais do futebol também circulam — ou “rodam”, para utilizar a categoria trabalhada por Carmen Rial (2008) — por diferentes clubes. Havia acompanhado uma equipe do interior de São Paulo, a Associação Ferroviária de Esportes (AFE), durante a temporada de 2016, em que foram disputados os campeonatos Paulista, Brasileiro e a Libertadores da América. Entre 2016 e 2017, período integral de minha pesquisa de campo, 45 atletas passaram pelo clube. Do total, apenas 14 permaneceram na equipe até o final da temporada seguinte. Sobre as demais, 3 encerraram a carreira, 14 deixaram a Ferroviária para defender outros clubes brasileiros e 15 foram jogar no exterior — 4 para Portugal, 2 para Israel, 1 para a Argentina, 3 para os Estados Unidos, 1 para a Islândia, 3 para a Espanha e 1 para a Inglaterra.

Em 2017, participei do Programa de Doutorado Sanduíche da CAPES. Fui contemplada com uma bolsa para estudar quatro meses em mobilidade

⁶⁴ Uso “Futebol Feminino” em letras maiúsculas quando faço referência à modalidade institucionalizada. Do contrário, utilizo futebol praticado por mulheres.

⁶⁵ Entre Campos também é o nome da estação de metrô mais próxima ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

acadêmica no Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Lisboa. Além das disciplinas e dos seminários, também acompanhei algumas dessas jogadoras que estavam atuando no futebol português. No ICS, fui recebida no Grupo de Investigação Identidades, Culturas, Vulnerabilidades,⁶⁶ na época coordenado pela Dra. Cristiana Bastos — que orientou minha mobilidade na ULisboa. Participar desse Grupo de Investigação foi muito importante para o desenvolvimento da minha pesquisa, sobretudo para pensar as relações entre circulação laboral, corpo e corporalidades, e, nesse sentido, a orientação da professora Cristiana teve papel fundamental. A temporada de 2016/2017 do campeonato português contou com quatro futebolistas brasileiras. Três delas já haviam passado pela Ferroviária e atuavam no Sporting Clube de Braga. A quarta era defensora do Clube Futebol Benfica, conhecido em Lisboa por Fofó.⁶⁷ Ao contrário do ocorrido em Araraquara, decidi não contatar as diretorias dos clubes. Queria acompanhar as futebolistas fora das instituições futebolísticas oficiais, nas arquibancadas e pelo contato direto, a fim de diminuir a influência de outros agentes. Assim, vali-me da origem compatriota, o que facilitou a aproximação. Obviamente que, por não ter a autorização dos clubes para a pesquisa etnográfica, o contato presencial com as futebolistas que estavam em outra cidade aconteceu de forma mais superficial em função da rotina de treinos e viagens — ao que Rial (2008) chamou de “bolha institucional” — e do retorno próximo ao Brasil

⁶⁶ Além da Dra. Cristina Bastos, que me orientou nesse processo, também fazem parte do GI o professor Nuno Domingos, que tem um extenso trabalho sobre futebol e colonialismo português em Moçambique, e a professora Chiara Pussetti, que tem se debruçado a pesquisas que relacionam a ideia de capital corporal e biotecnologias. O contato com a produção — e, no caso de Pussetti, com as classes — de ambos contribuiu muito para refletir sobre o trabalho de campo desenvolvido até então. Em 2019, participei da composição do dossiê “Desporto e nacionalismos” com o texto “Mulheres futebolistas: debates sobre violência e moral durante o Estado Novo brasileiro”, organizado por Nuno e por Victor Pereira (Université de Pau et des Pays de l’Adour; UPPA), pela Lusotopie.

⁶⁷ O Clube Futebol Benfica foi fundado em 1895 na freguesia de Benfica, em Lisboa. O apelido Fofó é uma resignificação. A rivalidade local com o Sport Lisboa e Benfica, internacionalmente conhecido, fez com que os torcedores desse time chamassem o pequeno clube de Fofó.

— o final da temporada/contrato estava próximo. Assim, minha principal interlocutora acabou sendo aquela que estava mais próxima e que chamo na tese de Sara.⁶⁸ Com exceção de Sara, que havia emigrado com a família, todas as outras foram contratadas por intermediários.



ESTÁDIO FRANCISCO LÁZARO, SEDE DO CLUBE FUTEBOL BENFICA
(FOTO: CAROLINE DE ALMEIDA, 2017)

A Taça de Portugal Feminina é a maior competição da modalidade no país. A temporada compreende em torno de oito meses, sendo formada por seis etapas. As duas primeiras são compostas pelos Campeonatos de Promoção do Futebol Feminino, dos quais participam 45 clubes, divididos em 3 regiões geográficas: série norte, série centro e série sul. Classificam-se 20 equipes, juntando a essas para a próxima etapa os 12 clubes que fazem parte da Liga de Futebol Feminino. As próximas etapas correspondem a oitavas de final, quartas de final, semifinal e final.

⁶⁸ Em referência a Sara Custódio, futebolista brasileira que atuou em diferentes clubes da cidade do Rio de Janeiro na primeira metade da década de 1980.

No ano de 2016, as equipes do Sporting Clube de Braga e do Sporting Clube de Portugal ingressaram na competição. O que por um lado trouxe mais competitividade e atraiu maiores investimentos, por outro gerou protestos entre participantes, em virtude da estreia de ambos acontecer já na segunda fase da Liga — em vez de disputarem os Campeonatos de Promoção, como seria o usual. A polêmica fez com que o Sport Lisboa e Benfica, ao anunciar a criação de uma equipe de Futebol Feminino para a temporada seguinte, frisasse a intenção de entrada no Campeonato de Promoção como forma de ascender à Taça. A entrada de clubes fortes e tradicionais do Futebol Masculino também abriu o país para o mercado do Futebol Feminino. Apesar dos baixos salários na época, existiam outras motivações que atraíam as futebolistas aos gramados portugueses. O primeiro refere-se a uma questão geográfica: é um país europeu, por conseguinte, filiado à União das Associações Europeias de Futebol (UEFA). Nesse sentido, disputar a *Liga dos Campeões da UEFA* é uma importante vitrine para futuros contratos em equipes que jogam campeonatos mais fortes e rentáveis. O segundo diz respeito às facilidades com a língua, a comida e os costumes, que não são totalmente desconhecidos entre as brasileiras. Por último, está o fato de Portugal ser considerado um dos países mais seguros do mundo, atraindo pessoas pela qualidade de vida que é oferecida.

Trajetória de vida, projeto e campo de possibilidades: lições de Gilberto Velho

O conceito de carreira para futebolistas, que busquei como conceito central para a tese, perpassa pelo referencial teórico Gilberto Velho e de suas categorias de análise: trajetória de vida, projeto e campo de possibilidades (Velho, 2003). O antropólogo atribuiu à sociedade urbana moderno-contemporânea a tendência de constituição do *self* a partir de um intenso jogo de papéis sociais que são adaptados a experiências e a níveis de realidade diversificados, podendo, ou não, apresentar conflitos ou contradições. Essa problemática, constituída de forma bastante complexa na

intensa mobilidade material e simbólica do mundo globalizado, define a trajetória de vida do indivíduo: “O que está em jogo é um processo histórico abrangente, e a dinâmica das relações entre os sistemas culturais com repercussões na existência de indivíduos particulares” (Velho, 2003, p. 39). O campo de possibilidades constitui um espaço sociocultural, o qual permite a consciente formulação e reformulação de projetos:

Campo de possibilidades trata do que é dado com as alternativas construídas do processo sócio-histórico e com o potencial interpretativo do mundo simbólico da cultura. O projeto no nível individual lida com a performance, as explorações, o desempenho e as opções, ancoradas a avaliações e definições da realidade. Estas, por sua vez, nos termos de Schutz, são resultados de complexos processos de negociação e construção que se desenvolvem com e constituem toda a vida social, inextricavelmente vinculados aos códigos culturais e aos processos históricos de *longue durée*. (Velho, 2003, p. 28)

A viabilidade de realização dos projetos depende da capacidade de negociação do indivíduo com outros projetos individuais (ou coletivos), bem como da natureza e das dinâmicas presentes no campo de possibilidades: “Os projetos, como as pessoas, mudam; ou as pessoas mudam através de seus projetos; a transformação individual se dá ao longo do tempo e contextualmente” (Velho, 2003, p. 48). As experiências de minhas interlocutoras mostraram que, no decorrer de suas trajetórias, os projetos de carreira estão em constante reformulação. Posto isso, apresento o exemplo de duas jogadoras brasileiras que defendiam clubes portugueses na temporada 2016/2017.

Como já falei, meu universo de pesquisa em Portugal compreendeu quatro atletas. Três delas tinham contratos assinados com o mesmo empresário que geria as suas carreiras — e que havia conseguido incluí-las no elenco de um dos principais clubes do país. As três tinham uma rotina bastante rigorosa de treinos e de alimentação, supervisionada por profissionais especializados na modalidade. Dessa forma, não conseguiam despende muito tempo

para lazer. Em certa ocasião, havíamos marcado um encontro em Lisboa. Falaram que gostariam de conhecer a cidade e que teriam um dia livre. No entanto, acabaram cancelando, porque a pessoa que iria acompanhá-las não pode ir junto. O clube tinha uma boa “infraestrutura” (Nina Tiesler, 2012), com academia própria, refeitório, alojamento etc. Já haviam jogado juntas no Brasil e dividiam o mesmo apartamento na cidade portuguesa.

Sara, por outro lado, havia deixado o Brasil para trabalhar no café de uma prima na região de Lisboa. Além dela, dois primos também moravam na cidade. Sua irmã emigrou mais tarde, mais ou menos no período em que eu estava acompanhando seus treinos. Encontrei Sara na página oficial do clube no qual era integrante. Dali, eu procurei seu perfil no Facebook e entrei em contato. Marcamos um encontro em um restaurante próximo ao local onde ela morava. Por estarmos ambas fora do Brasil, tornou-se fácil a aproximação, e posso dizer que criamos uma relação bastante pessoal, de modo que frequentávamos uma a casa da outra. Sara jogava futebol no Brasil, e quando chegou ao novo país, foi indicada por um amigo do primo à equipe. Fez um teste e começou a treinar. Embora fosse considerado um clube de bairro, a equipe tinha bastante tradição no Futebol Feminino, tendo conquistado duas vezes a Taça Portugal.

Apesar de o mercado da bola português ser um dos espaços mais concorridos por empresas de gestão de carreiras no futebol (Almeida, 2018) e do agente mais influente entre as futebolistas brasileiras na época ser de Portugal, o contrato com jogadoras portuguesas era um campo pouco explorado em 2017. Quando perguntei à Sara se ela já havia sido abordada por alguma/um agente, respondeu que isso ainda não era muito comum entre suas companheiras de equipe. Contudo, as informações divulgadas na página da Federação Portuguesa de Futebol (FPF) apontavam para a existência de 315 intermediárias/os registradas/os atuando no país nesse mesmo ano. É importante considerar que, no mesmo período, no Brasil, um país vinte vezes mais populoso, tinha 237 intermediárias/os a mais. Em termos clubísticos, para cada clube português existem quase dez brasileiros. Esses números mostram que a atividade no país ibérico era bastante intensa.

A história de Sara representa a de muitas imigrantes brasileiras em Portugal. Além da motivação econômica, a atleta dizia querer viver em um lugar melhor, ter mais oportunidades e, também, iniciar uma graduação. Revelou que, quando a prima a convidou para trabalhar em Lisboa, não pensou duas vezes e, assim que conseguiu dinheiro suficiente para as passagens, embarcou. O futebol não estava em seu projeto inicial. O capital futebolístico (Damo, 2005) de Sara possibilitou a negociação com o inesperado — nesse caso, a oportunidade de jogar futebol no clube lisboeta. Mas, ao mesmo tempo, dizia que queria investir apenas mais dois anos na carreira de futebolista. Caso não conseguisse se manter do futebol, estudaria. Assim, Sara conciliava o trabalho na cafeteria e a rotina diária de treinamento. Os treinos aconteciam à noite, das 21h às 23h, e o estádio ficava distante de seu trabalho e de sua casa. Diante disso, utilizava uma motocicleta como meio de locomoção. Gostava de sair à noite. Frequentava danceterias e bares com o primo, a irmã e/ou com as companheiras da equipe. Durante os campeonatos, esses momentos de lazer ficavam mais escassos, já que uma noite mal dormida poderia interferir no desempenho em campo.

A trajetória de Meg,⁶⁹ uma das brasileiras que atuavam no clube fora de Lisboa, diferia bastante. A futebolista deixou o Brasil para jogar em uma equipe portuguesa, tendo o contrato de seis meses assinado com o clube por intermédio de agente. Disse que um dia essa pessoa a abordou depois de uma partida. Perguntou se teria interesse em jogar no exterior e que poderia representá-la, caso a resposta fosse positiva. Era a primeira vez que defendia um clube estrangeiro. Dizia não se sentir só, pois havia muito morava em alojamentos distantes da casa de seus pais. Além disso, havia outras brasileiras no grupo, e todas moravam na mesma casa. A rotina de treinos e jogos era intensa, sobrando pouco tempo para frequentar bares e/ou danceterias em Portugal. Estava no país para jogar futebol.

Diante dos pressupostos de Gilberto Velho (2003), essas duas trajetórias mostradas aqui não representam apenas dois “projetos” diferentes,

⁶⁹ Referente à Margarete Pioresan (Meg), goleira da Seleção Brasileira entre 1989 e 1996.

mas maneiras distintas de colocar esse projeto em prática. São dois “campos de possibilidades” e duas formas de negociar com a profissão e com o país estrangeiro. Meg já tinha o futebol como profissão. Defendia um clube com alta infraestrutura (Tiesler, 2012). Tinha a moradia e a alimentação custeadas por esse clube e recebia salários previamente acertados por um contrato temporário. Seu agente a auxiliava diante de alguma dificuldade. Tinha seu tempo controlado pela instituição que representava e, assim que o campeonato teve fim, retornou ao Brasil. Meg não conheceu muito do país onde morou durante esses seis meses. Nem mesmo se relacionou com pessoas locais, fora do convívio do clube. Além disso, dependia de outras pessoas para as viagens durante as folgas.

Sara, por sua vez, ainda não tinha o futebol como profissão. Trabalhava oito horas no café, onde dividia o balcão com a prima. Quando fechavam o local, voltava para sua casa. Descansava alguns minutos e enfrentava o trânsito até o estádio onde aconteciam os treinos. Treinava duas horas por dia. Quando retornava à casa, perto da meia-noite, dizia só dar tempo para jantar, tomar um banho e dormir. No café, era conhecida por jogar futebol. Das vezes em que estive no local, várias/os clientes conversaram com ela sobre o campeonato em andamento.

Durante os jogos, na arquibancada do estádio, era celebrada pela pequena torcida que acompanhava as partidas. Lembro-me de um jogo em que estava a mãe de uma das jogadoras da equipe. A mulher utilizava um megafone para puxar os gritos da torcida e se comunicar com as atletas em campo – e para advertir a arbitragem também. No intervalo, ela veio conversar comigo. Percebeu que não pertencia ao grupo habitual e quis saber o que eu fazia naquele local. Conteí a ela sobre minha pesquisa e que acompanhava Sara. Ela prontamente passou informações sobre a brasileira: disse que era muito simpática e focada. Havia esperado pacientemente no banco por quase três anos, mas agora estava na melhor fase.



EQUIPE DO FOFÓ (FOTO: CAROLINE DE ALMEIDA)

A interação social de Sara com pessoas que vivem em Lisboa, bem como com a própria cidade, era muito mais intensa: tinha amigos lisboetas, percorria vários espaços da cidade, viajava por outras regiões do país e frequentava locais para além daqueles que têm relação direta com o clube que defende. Não era tão dependente da bolha institucional (Rial, 2008) como as demais brasileiras. Por outro lado, a jogadora não tinha contrato de trabalho. Para alguns jogos, ganhava uma pequena ajuda de custo para as despesas de trajeto. O transporte e a alimentação nos dias de jogos “fora de casa” eram providenciados pela FPF, via clube. Quando foram campeãs nacionais, ganharam da Junta de Freguesia do bairro onde se localizava o clube uma viagem a uma reserva ambiental próxima a Lisboa. Dentro dessa perspectiva, as relações de poder (Foucault, 1979) às quais Sara se encontrava submetida eram bem mais brandas do que as que envolviam Meg e as demais. Porém, ambas se enfrentaram em campo pelo mesmo campeonato.

Considerações finais

Diversas/os antropólogas/os, ao longo de mais de um século de existência da disciplina, vêm chamando a atenção para o desafio da pesquisa etnográfica. Estar em campo e narrar essa relação entre pesquisadora e interlocutoras, que nem sempre se constitui harmoniosa, tornou-se, para mim, um exercício bastante complexo. Enquanto historiadora de formação, relutei em me colocar abertamente em um texto, e, de fato, esse foi meu primeiro trabalho de campo no sentido clássico. Sempre me senti mais à vontade no meio dos arquivos, talvez também por introversão de minha parte. No entanto, o que acabo de apresentar nestas páginas é parte resultante desse desafio, o de tornar o trabalho de campo um texto atraente à leitura e de fazer algo digno e que seja o mais próximo possível do universo vivido por minhas interlocutoras. Tratou-se, portanto, de uma tentativa de balancear minha subjetividade, o campo, a teoria antropológica e os objetivos da pesquisa revisitada. Por outro lado, a escrita dessa experiência etnográfica, não somente neste capítulo de uma coletânea que discute diferentes abordagens metodológicas em campos estrangeiros, mas na minha própria tese defendida há quatro anos, também é considerada uma construção coletiva em que levei comigo múltiplas vozes: as concepções de mobilidade transnacional e circulação desenvolvidas por minhas orientadoras Carmen Rial e Cristiana Bastos – de Carmen também utilizei todo o aparato teórico-metodológico etnográfico sobre o universo futebolístico; as ferramentas de Gilberto Velho para pensar a constituição das carreiras de futebolistas mulheres a partir da relação destas com os espaços que transitam e pessoas que interagem; as experiências de colegas dialogadas nos corredores da universidade; além do conhecimento antropológico gentilmente compartilhado por professoras e professores do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS/UFSC) e do Instituto de Ciências Sociais (ICS/ULisboa)

Referências

ALMEIDA, Caroline Soares de. *Do sonho ao possível: projeto e campo de possibilidades nas carreiras profissionais de futebolistas brasileiras*. (Tese) Universidade Federal de Santa Catarina (PPGAS), Florianópolis, 2018.

BITENCOURT, Fernando Gonçalves. *No reino do quero-quero: corpo e máquina, técnica e ciência em um centro de treinamento de futebol – uma etnografia ciborgue do mundo vivido* (Tese) Universidade Federal de Santa Catarina (PPGAS), Florianópolis, 2009.

DAMO, A. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França* (Tese). Doutorado em Antropologia – Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2005.

FLEISCHER, Soraya; SCHUCH, Patrice. Antropologia, ética e regulamentação. In: FLEISCHER, Soraya. SCHUCH, Patrice (Orgs.). *Ética e regulamentação na pesquisa antropológica*. Brasília: Letras Livres/ Editora da Universidade de Brasília, 2010, p. 9-23.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

JAHNECKA, Luciano. *Regimes de visibilidade: a constituição de futebolistas em um futebol menor*. (Tese) Universidade Federal de Santa Catarina (PPGICH), Florianópolis, 2018.

MARCUS, G. Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-sited Ethnography. *Annual Review of Anthropology*, n. 24, p. 95-117, 1995.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014.

PISANI, Mariane da S. *Foz Cataratas Futebol Clube: trajetórias, migrações e profissionalização de mulheres que praticam futebol*. (Dissertação) Universidade Federal de Santa Catarina (PPGAS). Florianópolis: 2012.

PISANI, Mariane da S. “Sou feita de chuva, sol e barro”: o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo. (Tese) Universidade de São Paulo (PPGAS). São Paulo: 2018.

RIAL, Carmen. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 21-65, jul./dez. 2008.

SILVA, Hélio R. S. A situação etnográfica: andar e ver. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, v.15, n.32, jul./dez., 2009.

TIESLER, Nina. *Um grande salto para um país pequeno: o êxito das jogadoras portuguesas na migração futebolística internacional*. Futebol Português – política, género e movimento. Porto: Editora Afrontamento, 2012.

VELHO, Gilberto. Cultura enquanto heterogeneidade: biografia e experiência social. In:VELHO, Gilberto. *Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

VELHO, Gilberto. Antropologia urbana: interdisciplinaridade e fronteiras do conhecimento. *Mana*, v. 17, n.1, 2011, p. 161-185.

WACQUANT, Löic. *De corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz do boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.